

ACAJÁ

JORNAL DE INSTRUÇÃO E RECREIO.

O progresso da intelligencia é infallível,
havendo liberdade de fallar, escrever
e publicar o que pensamos.

MARQUEZ DE MARICÁ.

Anno I

Terça-feira 31 de Dezembro de 1861.

N. 24

AOS LEITORES DO ACAJÁ.

Eis-nos chegados ao nosso 24.º numero, que é tambem o ultimo desta folha!

Com prazer e com magôa ao mesmo tempo, pronunciamos as palavras acima, mas a somma do sentimento sobrepuja a da alegria, porque sobejão motivos, para isso á redacção do *Acajá*.

Mil espinhos circumdarão aquelles que como um dever de honra tomarão a peito a sustentação desta folha, para que lhe não acontecesse o mesmo que succedeu ás outras que com ella nascerão e que mais infelizes ou mais ditosas, cessarão de existir. Mil tropeços lhe embargarão o passo, e todos forão vencidos pelos esforços, ou antes, pelo capricho de seus redactores que jurarão manter-se a todo o transe na posição que lhes fôra confiada.

E assim fizeram.

E firmes e corajosos, conservámo-nos de pé, enquanto o permittirão nossas forças.

Hoje, que julgamos preenchido o nosso fim, pois completa o *Acajá* um anno de existencia, vimos pela ultima vez dirigir a palavra a nossos leitores, para lhes pedir desculpa de alguma falta que por ventura tenhamos commettido e pedir-lhes que acreditem que se melhor não desempenhamos a nossa missão, foi porque o não pudemos tambem.

Vimos agradecer a todos aquelles Srs. que se dignarão honrar nossas columnas com os seus trabalhos, ajudando-nos assim no desempenho da ardua tarefa que nos impuzeramos, e assegurar-lhes que muito sentimos o não podermos continuar a nos prevalecer de sua bondade.

Não é a vontade nem a coragem, para proseguir, o que nos falta. E' sim a animação que nos foi negada e negada por aquelles mesmos de quem tinhamos mais direito de esperar auxilio e protecção! Foi a falta de cumprimento de promessas formaes da parte d'aquelles, que por dever, senão por sympathia, devião lembrar-se que sós e sem apoio, não podiamos por muito tempo

desempenhar a tarefa que por elles proprios nos fôra confiada!

Mas não! De nada disso se lembrarão! Esquecerão-se de que os laços que nos ligavão não crão só laços de amizade ou cerimonia, esquecerão-se que fazendo parte do *Club dos Doze*, e confiando-nos a redacção do jornal, ficavão *ipso facto*, obrigados a nos fornecer os meios de sustenta-la, e no meio de nossa carreira, quando lhes pediamos que nos auxiliassem, encolhião os hombros ou rião-se, escarnecendo ainda assim, dos incautos que por mêmra complacencia se tinhão revestido com a tunica de Nesso!

Oh! Ride-vos, Srs., ride-vos, que tendes razão para o fazer!

Zombai d'aquelles que tiverão a candura de acreditar na sinceridade de vossas promessas, porque nunca suppuzerão que serieis assaz levianos para não dar o devido peso ás obrigações que para conosco tinheis contrahido! Escarnecei, apontai-nos com o dedo, como merecedores de um lugar no reino da Gloria, por não vos termos conhecido ha mais tempo, e por não nos termos lembrado que as palavras voão e que só os escriptos lleão!

Ride-vos, zombai! fazei o que quizerdes, insultai-nos até, que com isso nada mais fazeis do que dar mais uma prova de vosso character.

Os redactores:

SILVIO RANGEL.

MONTEIRO JUNIOR.



O AMOR DE UM LOUCO.

Era noite: o ceo, que por algum tempo se mostrára azulado, e revestido de todas as suas galas, estava agora coberto de nuvens negras, que o sulcavão pesadamente em todas as direcções. Nenhum ruido se ouvia nas ruas desertas da cidade, a não serem as pisadas sonoras de algum passante atardado, ou o roncar longinquo

do trovão, que fazia ouvir sua voz tremuada, ainda mais medonha no silencio da noite.

Embuçado em minha capa, e com o charuto na boca, seguia eu por uma rua de cujo nome não me recordo agora. Caminhava, e caminhando seismava, conforme o meu costume, porque o meu espirito é assim feito: não pode estar inactivo: é preciso que sempre o occupe em alguma coisa, se o não tenho ligado ao trabalho que tenho entre mãos, ponho-me a pensar e me envolvo por tal forma nesse sonhar de acordado, que me esqueço das horas, de minhas occupações, e mesmo muitas vezes, de mim proprio.

E' uma extravagancia do espirito que não sei se succederá com os outros, mas que enfim dá-se comigo.

Caminhava pois, e meo pensamento ia muito longe do lugar em que eu estava. Suleando o espaço, atravessava o mar e ia depositar aos pés de *alguem*, os suspiros de uma alma apaixonada, e que se via ralada pelas saudades. Já tinha talvez andado 2 tercios do caminho que me tinha proposto a passeiar, quando ao approximar-me de uma esquina, vejo destacar-se do vão de uma porta, um vulto negro.

Minha primeira ideia, foi que tinha da haver-me com um ladrão, e que por consequencia me cumpria defender a minha bolsa, senão a minha vida, pois, quem me dizia que esse ladrão não teria mais companheiros escondidos nas visinhanças?

Procurei logo pôr-me na defensiva e para isso, busquei encostar-me á parede, para assim conservar livre a retaguarda, e puz-me a espera do meo adversario, segurando fortemente na delgada bengalla que trazia na mão.

Este, depois de me olhar algum tempo, e de medir-me de alto a baixo com uma attenção que nada tinha de tranquilizador por mim, deo um passo para diante, estendeu-me a mão, e me disse:

— Sois moço pareceis ter a mesma idade que eu. Nada temais, porque não sou um ladrão. Buscava um pouco de repouso a meo espirito atormentado, quando me apparecestes: sou um desgraçado, e não um miseravel.

Sua voz era tão doce e ao mesmo tempo tão repassada de tristeza e de sinceridade, que para logo despi todo o receio que me assaltava, e approximei-me delle com algum interesse.

Parecia-me que não era a primeira vez que eu ouvia a sua voz; que já a tinha ouvido outr'ora, quando esse mancebo era feliz, e quando não trazia impressa no rosto essa patidez livida que se lhe via nas feições e que a luz do gaz augmentava.

Quiz ap. ofundar esse mysterio, mas quando procurava chegar-me mais perto, elle virou as costas á luz e disse-me:

— Procurava alguém a quem confiar um segredo, segredo terrivel! Mas para isso, precisava

um homem de honra e de coragem. Tendes-la bastante para me acompanhar?

— Aonde? perguntei-lhe eu, assaltado de novo pela idéa de uma emboscada.

— Aonde eu vos conduzir, me disse elle com voz sombria. Nada temais, continuou elle, vendo que eu parecia receiar, nada temais! Já vos disse que não era um ladrão. Se tendes coragem, acompanhai-me.

Vendo a insistencia com que me podia, resolvi-me a acompanhá-lo, deseioso de saber esse segredo terrivel que o meo desconhecido interlocutor me queria confiar. Respondi-lhe que o seguia, e pazemo-nos a caminho, elle adiante e eu atraz.

Depois de termos caminhado ta'vez um quarto de hora, chegamos a uma casa baixa, e de velha apparecia, mostrando á primeira vista, a sua antiguidade. Aberta a porta, achei-me, ou antes, achámo-nos em uma sala, escura, fracamente alumada pela luz de uma lamparina que difficilmente lutava com as trevas. Apenas entrados, o meo companheiro fechou a porta accendeo uma vela, e depois de percorrer a casa com um olhar triste, sentou-se em um velho sofá, fazendo-me signal que tomasse lugar a seu lado.

Impressionado por tudo quanto via, sentei-me, de maneira que a luz desse em cheio na phisionomia de meo singular interlocutor, ficando eu na sombra. Não sei porque senti o meo coração singularmente impressionado. Um como presentimento me dizia que eu ia ser espectador de um desses dramas lugubres que fazem arriçar os cabellos, e calar frio suor na medulla dos ossos.

O meo companheiro não parecia dar fé da minha presença. Seus olhos parecião vagar no espaço, ao passo que seus labios, tremião, com um tremor convulso que lhe contrahia as feições. Pude então examina-lo e vi que era um moço de seos 25 ou 26 annos: magro, esbelto, e enjas feições deverião ter sido bellas, quando não as sombreava esse tom livido e sinistro que as desfejava. Longos cabellos escuros e annellados lhe cobrião profusamente a ampla fronte, em que o soffrimento cavára longos sulcos, com seo dedo canterisador. Parecia uma dessas cabeças de martyr que vemos nos quadros antigos, ou uma dessas figuras satanicas, a preparar-se para o *sabbat*.

Por algum tempo nos conservámos calados, e nem sei quanto ainda assim teríamos ficado, quando de repente, o desconhecido, sacudiu a cabeça, como para afastar de si o peso de uma idéa esmagadora, moveu-se e disse-me:

— Convidei-vos para ouvir um segredo. Vou cumprir a minha palavra. Vou contar-vos a historia de minha vida.

Eu era um mancebo filho de uma boa fa-

milla do Reconçavo. Meos pais, pessoas abastadas, derão-me uma educação esmerada e que eu soube aproveitar. Infelizmente porém, por melhor que fossem os meos instinctos, não pude resistir ao contagio das más companhias. No collegio em que estivera, ligara-me eu com alguns mancebos, desses loucos que contendem que só o cynismo é que pode dar os gozos da terra, e fazem consistir toda a vida, no gozo de prazeres menos legitimos. Meo pai, mandára-me estudar á Academia de Medicina, e dotado de algum talento, pude, no fim de seis annos de estudo, obter o meo diploma de medico.

Já vistes missão mais santa e mais nobre que a do medico na nossa sociedade?

Não, não é assim? E julgais talvez que eu cumpi o juramento que dei ao receber a investidura do encargo sublime que contrahira?

Enganai-vos!

Levado pelos conselhos d'aquelles mancebos, seduzido pelo encanto das pinturas que elles me fazião, esqueci os sãos principios que com o leite materno havia bebido, e lancei-me ás cegas no caminho da devassidão. Dentro em pouco eu era um devasso completo. Honra, pureza, virgindade, amor, de tudo eu zombava, tudo calcava a meos pés, profanando o sanctuario da familia que me recebia como um anjo de salvação, e cujas atenções eu pagava com a deshonra! Oh! foi uma embriaguez terrível aquella, e não sei onde ella me teria levado, se não fosse a mão da Providencia, de quem eu tantas vezes escarnecera, chamando-a de última esperanza dos pobres de espirito!

Um dia, recebi um convite para ir ver um doente. Foi. Era uma mulher, esposa de um negociante de primeira ordem da Bahia, e que fóra por algum tempo o correspondente de meo pai. Durante o meo tempo de academia, era elle quem me pagava as mezadas que meo pai me mandava, e em virtude dessas relações eu fóra muitas vezes convidado para sua casa. N'uma dessas occasiões conheci sua filha, linda e interessante menina de 14 annos. De simples comprimentos, passámos a relações mais intimas, a ponto de eu chegar a me sentir arrastado para ella, por um sentimento mais forte do que o produzido pelas simples relações da sociedade. Amei-a.... não, não a amei, porque não ousou dar o nome de amor, ao sentimento que por ella nutria. Essa atracção que para ella me impellia e que se teria sem duvida convertido no amor mais puro e casto, foi para logo substituida por uma alluviaõ de desejos torpes, de requintada lascivia!

Era que o gerio do mal me tinha segredado conselhos do inferno pelo orgão de meos falsos amigos, de meos companheiros de orgia e de crapula!

O pobre anjo que me conhecera ainda ao subir da infancia, tinha-me creado affecção de irmão que a ausencia amortecera mas que se convertêra em amor fervente e puro, logo que nos tornámos a encontrar junto á cabeceira de sua mãe enferma.

Quando sahi de ver a doente, cuja enfermidade era passageira, ella me acompanhou, perguntando-me ansiosa pelo juizo que eu fazia do estado de sua mãe.

Meo coração não estava ainda de todo corrompido, e não pude ouvir sem emoção, essas perguntas que o amor filial lhe dictava.

Tranquilei-a a respeito de sua mãe, e depois de receitar, dispunha-me a retirar-me quando seo pai me pediu que ficasse até o jantar. Fiquei, jantei, e quando á noite eu me retirei para casa, levava comigo a confissão de Julia em troca da que eu proprio lhe fizera.

A certeza de ser amado por ella, enchia-me a imaginação de figuras radiantes e de sonhos lindos de ventura calma, no seio do amor e da familia, e por tal forma me impressionei, que fui para casa, e não pude conter-me que não revelasse a esses a quem chamava meos amigos, o meo segredo. Rirão-se elles, do que elles denominavão *minha simplicidade*, e concitarão-me a abusar da confiança que a pobre menina em mim depositava. Longo tempo resisti, mas a minha leviandade prevaleceo e eu escutei os perfidos conselhos que me erão dados.

Corresponði com a mais negra ingratidão á bondade com que era tratado, e uma noite em que o amigo de meo pai, dava uma partida em sua casa, lá me apresentei.

Quando eu entrei, estava Julia ao piano e tocava uma peça de musica no gosto allemão, uma dessas composições tristes e melancolicas, que lanção no coração um temor indefinido e vago, e que nos fazem sonhar com phantasmas, com figuras pallidas e alvacentas, a dansar uma roda fantastica sobre a neve ao pallido clarão da lua.

Era a sua musica predilecta, e que muita vez fizera em mim uma impressão estranha e dolorosa. D'ahi a pouco, terminou ella e eu comprimentei-a, como Mephistopheles comprimentou Gretchen.

Emfim, mancebo, para vos dizer tudo, nessa noite, o anjo da pureza abandonou, chorando, o candido leito da virgem, e quando na manhã seguinte entrarão no quarto de Julia, só acharão um cadaver!

Ao receber essa noticia, julguei enlouquecer, tal foi o tormento que soffri! Desde então nunca mais tive socego. Fugi da Bahia; abandonei, pai, mãe, familia e amigos, jurando nunca mais

lá voltar, e vim sepultar aqui, nesta choupana, o meo remorso, e a minha vida.

Todas as noites, antes de me deitar, tóco a musica que Julia tocou na noite fatal. Depois, oro a Deos por essa alma candida e pura que tanto amor me teve, e que tão mal paguei!

Vedes esta taboa? Sabeis o que é? E' o meo leito: sob essa taboa repousa o cadaver d'aquella que no mundo se chamava Julia S....!

Durmo todas as noites sobre a terra que cobre os seos restos mortaes. Comprei esta casa para ter o direito de não ser perturbado, nessa occupação. E' a minha penitencia, e que sempre cumprirei até que deixe de existir, o que espero não tardará muito.

Já que não posso esperar unir-me a ella na outra vida, quero ao menos conserva-la junto a mim o mais tempo que puder!

Calou-se: tinha os olhos seccos e ardentes, o peito arquejava-lhe; pegou de um velho moringue, bebeu agua, enxugou o suor da fronte, e indicou-me a porta. Compreendi-o; apertei-lhe a mão e retirei-me contristado.

Quando ia a meio do quarteirão ouvi o som de um piano: prestei ouvido: era o meo desconhecido que tocava o *ultimo pensamento de Weber!* Desde então nunca mais o vi.

JAMI.

14 de Dezembro de 1861.

PAGINAS PERDIDAS

(ESBOCETOS)

G E N N A R O .

(Conclusão.)

∴

Para aquelles cuja vida se acha ligada ao trabalho assíduo e continuo, o tempo passa lento e a existencia monotona.

Aos que vivem porém embalados pela briza da felicidade, ou pelos sonhos do mais bello ideal, o tempo vò, os dias se encurtão, e a embriaguez da ventura entorpecendo-lhes o moral, fal-os passar velozmente as horas que a outros seriam longas e enfadonhas.

Gennaro achou-se neste ultimo caso.

Não que seo viver fosse realmente uma felicidade domestica, mas porque elle se embalava em sonhos que julgava reaes, e alimentava em seo seio, a vibora cuja venenosa baba tinha de corromper os seos gozos conjugaes.

Com effeito, alguns mezes se decorrerão e os

felizes esposos levavão aquella vida folgada e milagrosa dos antigos patriarchas.

Um dia, porém, o sol escondia-se já por detrás das nuvens de uma tarde merencoria, e sumia-se lentamente no horizonte, quando o infeliz mancebo voltando de seo passeio costumado, achou a gaiola que continha o passaro de *sua alma*, vasia como o coração de uma mulher sem amor, para servir-me da expressão de um poeta.

Em vão percorre os escondrijos da casa... nada — tudo era vasio — sómente sobre a sua escrevaninha encontrou o seguinte bilhete:

« Gennaro.

« Pedoa-me se te trahi: Dizia-te que te amava tendo no coração o fel da amargura, e nos labios o sorriso da hypocrisia. O meo casamento contigo, nada mais foi que um capricho, muito natural as moças, cuja fronte se corôa com as flôres de 18 primaveras. O meo unico amante, aquelle á quem *sempre* pertenci de coração, e a quem hoje pertenco tambem de corpo, é J... não digo-te seo nome, para evitar alguma de tuas leucas tentativas.

« Entre nós nada mais ha, ou antes ha o que nos separa, que é o amor.

Eugenia. »

Não havia duvida; o passarinho batera a linda plumagem, em busca de *novos ares novos climas*.

Gennaro, cujos olhos tinham percorrido com fogo diabolico este bilhete, mal acabou de lê-lo, sentio que sua cabeça pesava-lhe mais do que o corpo, e que este tremia como um busto agitado pelo tufão das tempestades.

Deixou-se cahir n'uma meditação profunda, da qual só sahio dez minutos depois, para se encaminhar a seo gabinete.

∴

O mancebo em cuja face a pallidez succedera ao rosado que lhe era natural, chegando ao seo gabinete d'estudo, puxou por um *revolver*, e quando ia disparar em si proprio a arma suicida sentio que uma força maior, impedia a consumação do delicto tremendo.

Então, deixando-se cahir sobre uma cadeira de espaldar que lhe estava junto, murmurou; « oh! minha Mãi!... a vossa sagrada lembrança reteve meo braço homicida, mas não terá força bastante para restituir ao seio da familia um membro, cuja cabeça se transtornou n'um momento de dor! »

22

Hoje, vaga por este nosso Rio de Janeiro um homem, cujo estado normal é a mais perfeita embriaguez. A' viveza de seus olhos, outr'ora bellos e languidamente morbidos, succedeo um brilho sinistro e terrivel, que se divisa no fundo de suas duas longas covas. Seus cabellos, n'outro tempo tão bastos, hoje cahem-lhe negligentemente pela frente abatida pelas longas saturnaes, e queimada pelo fogo *do cognac e do champagne*.

Outr'ora, seu corpo juvenil e bem feito repousava mollemente sobre as almofadas de seus leitos soberbos; hoje seu corpo atquebrado, repousa tranquillo nos frios lagados da rua.

Se alguma dia leitor, encontrares esse peregrino das talernas e dos mais devassos lupanares não lhe lances em rosto o anathema da perdição. Respeita-o, porque n'elle respeitarás a desgraça.

Vira-lhe a frente, mas não lhe cuspas no seu rosto, porque mancharias a face de Gennaro, d'aquelle que vacillou por uma santa recordação, no passo tremendo, mas que curvou-se ante o aceno do suicidio lento e terrivel, que de longe lhe acenava, abrindo-lhe seus braços de serpente. Como este, quantos não haverão?

Rio, Outubro de 1861.

Juvenal.

POESIAS.

A' TUA CHEGADA.

Ao meo amigo J. M. de Lima

Dous corações e duas almas somos,
Que um sentimento e um pensamento ajuntão.

I

Eis-me contigo! — e ebrio de venturas
Prazer e gozos a meos olhos brilhão,
A dor d'auzencia, — as peripecias suas,
Forão-se todas a meos pés se humilhão!

Voltaste cheio de fervente vida,
Sulcaste os mares com fervor e ancía!
De teu regresso a nosso Deos bendigo,
O norte, o rumo, e a feliz estancia.

Oh! vem amigo! — e a meos braços corre,
A muito que eras esperado — cá;
Serás amado como d'antes foste,
De mim, de todos como o eras — lá.

Oh! vem amigo! — e haja fé, constancia,
Coragem, forças, e toquemos mãos;
E nossas vidas transformadas n'uma,
Nós viveremos como dous irmãos.

En te saudo arrebatado em gozos!
Dá-me este abraço! — ainda outro.... mais...
Não há quem possa desatar os laços,
Que aqui nos unem — um ao outro iguaes.

II

Eis-me contigo, o que almejava á muito!
Tornaste nos lares que te virão ir....
Somos felizes! — como outr'ora, amigo,
Toca a folgar e a brincar e a rir.

O tempo o mesmo; a amizade a mesma;
Quero-te tanto como quero a Deos!
— E da má sorte que eu e tú soffremos,
Bem poderemos levantar tropeus!

Convem gozar, a nossa vida é pouca...
— E' como o lyrio rastejando o pó.
As nossas almas se unirão ardentes,
— São duas almas, e o viver um só!

Se lá no exilio tú em mim pensaste,
Eu tua auzencia lamentei, amigo,
E nos meos sonhos d'uma noite longa,
Sonhei os tempos que passei contigo.

Voltaste cheio de fervente vida,
Tornaste aos lares que te virão ir,
Somos felizes! — como outr'ora, amigo,
Toca a folgar e a brincar e a rir.

PEREIRA DA ROCHA.

Itaguahy, Outubro — 1860.

MENTISTE....

**

Mentiste quando erguendo os olhos negros
Os fitavas no ceo ;
Mentiste quando ardente me disseste :
« Sou tua, sê tu meo. »

A perfidia mordeo teo peito virgem,
Ferio teo coração ;
— Não te podes queimar oh ! mariposa
Nas chammas da paixão. —

Vens de balde sorrindo : o teu sorriso
Exprime um falso amor.
Teo sorrir ! — foi a flor dos meos sonhos....
Mas hoje... não é flor !

Batendo as azas limpidas e puras
O teu amor fugio ;
Talvez não saibas que ferido o orgulho
A'quelle o meo seguio.

Não sei como n'um rosto tão mimoso,
N'um corpo tão gentil,
Na figura de um anjo — exista occulto
Veneno o mais subtil !

Mentiste quando erguendo os olhos negros
Os fitavas no ceo ;
Mentiste quando outr'ora me disseste :
« Sou tua, sê tu meo. »

Infantes inda corremos
Pelos montes e vallados ;
De todos tão festejados
Que nossa vida era um céu.
Cançada — tinha seo leito :
Dormia no peito meo.

A vida como tão bella !
Como tão cheia de amores !
Que de tão candidas flores
Alegre, á tarde colhi !
Oh ! que profunda saudade
Me recorda o nome — *ali* ! —

Depois, na idade em que o peito
Todo de amores se agita,
Em que treme, em que palpita
Como á briza treme a flor :
Sahio n'um dia dos labios
Nosso protesto de amor.

.

E aquelles doces momentos
Como me vem á lembrança
Em que tu — linda eriança —
Sorrias meiga pr'a mim !
Porque deo aquella aurora,
Um tão desditoso fim ?

Ali passámos um dia ;
Colhi uma flor tão bella,
Que ao vel-a me disse ella :
« Dou-te um beijo, dá-me a flor.
Foi ali que tive um berço
Dando um beijo todo amor.

Mentiste quando outr'ora me disseste
« Sou tua, sê tu meo. »
Mentiste.... se te amei já te não amo,
Meo amor já morreo.

A. CUNHA.

Rio 13 de Novembro de 1861.



CONSEQUENCIAS DA VOLUBILIDADE.

(Continuação.)

Original Brasileiro.

VIII

Seis mezes são passados depois que Alberto fugira com Corina para Cantagallo. Ahi, depois de dous mezes de estada, os dous amantes resolvem-se a ir para o Rio de Janeiro, aonde habitão em uma linda chacara, no bairro aristocratico — no Cattete.

São passados pois seis mezes, e Alberto ainda não cumprio a promessa que fizera a Corina, de se casar com ella. Por seo lado tambem, ella não se importa com essa falta, porque seo coração não é dotado de nobreza, para avaliar a má esphera em que vive, e da qual jámais poderá sahir rehabilitada.

.....
O pai de Alberto, sabendo do pessimo proceder de seo filho, tenta, em vão, pô-lo no caminho da virtude, consentindo até que elle se case com Corina ; mas Alberto, que parece, não se poder acostumar á vida de casado, escusa-se por todas as formas a fazer a vontade a seo velho pai.

Este, alquebrado pelos annos, e acabrunhado pelos desgostos que por elle tem soffrido, não pode sobreviver a tão acerbas magoas, e despede-se do mundo, legando a Alberto toda a sua fortuna.

Alberto recebe a nova da morte de seu pai, como se fosse da de um de seus cavallos.

Vemol-o pois com uma carta na mão, em sua casa, sentado junto de Corina, e com ella conversando.

— Vou dar-te uma noticia Corina.

— Vejamos....

— Meo pai morreu hoje de manhã.

— Pois teu pai esteve doente e não o foste visitar?

— Como poderia eu visitar-o se não sabia estar elle doente? E de mais bem sabes que elle estava mal comigo....

— Quem te escreveu essa carta?

— Não sei. E' anonyma.

— Vejamos o que ella diz.

Alberto abre a carta e lê:

Sr. Alberto

« Um seo desconhecido (mas que sabe de toda a sua infame vida) participa-lhe que seo velho pai, (meo intimo amigo) succumbio hoje pela manhã, de um ataque de cabeça, dos que lhe costumavão dar. O ataque foi tão violento que em menos de 10 horas tirou-lhe a vida; por isso não o mandei chamar para assistir aos seus ultimos momentos. Do exame que passei aos seus papeis, achei um testamento que elle fez ha dous annos, deixando-o por seo unico herdeiro. Pôde pois tratar de apromptar todos os papeis necessarios afim de receber o que lhe pertence. »

— Quem será esse amigo? perguntou Corina.

— Não posso atinar quem seja.

A pes-oa que escreveu a Alberto tinha sido com effeito um dos amigos de seu pai.

Esse amigo era Paulo, que depois da fuga de Alberto, tornara-se o mais intimo amigo do pai deste.

Precisamos dizer ao leitor que Alberto quando fora segunda vez a Friburgo, para realizar seus diabolicos projectos, pedira antes de ir 50 contos a seo pai, sob pretexto de com elles entrar para socio de uma casa de commercio. Eis pois a razão por que elle morava em uma chacara e tinha meios sufficientes para a sua subsistencia.

IX

Um anno depois da morte do pai de Alberto, elle era possuidor de uma fortuna superior a mil contos de reis.

O leitor fará aproximadamente ideia, do seo modo de proceder dessa data em diante.

Redobrou de cynismo, abusou das leis, e escarneceu do genero humano.

Como era de prever, n'esta epocha Corina já não era sua amante.

Vejamos o que é feito d'ella.

Um coração voluvel, e uma cabeça leviana,

procurão sempre novas emoções, e jamais podem se sujeitar á vida calma e pacifica.

Enfastiada para bem dizer, da convivencia de Alberto, Corina deixara-o, e seguira um novo D. Juan que lhe fizera mil protestos.

Ainda bem não erão passados quinze dias, Corina recebia a seguinte carta de seo novo amante.

Corina.

« Meo pai força-me a seguir para a Europa no paquete de amanhã; por tanto sou forçado tambem a deixar-te, por não poder levar-te em minha companhia. Quando esta receberes já deverei estar em viagem. »

R.....

Com effeito assim aconteceu. Corina só recebera a carta de R..... dous dias depois d'ella escripta. E pensão os leitores que as expressões contidas na carta, erão verdadeiras?

Se assim pensão, enganão-se!

R..... era um outro Alberto, que no fim de quinze dias de gozo, abandonara Corina, da mesma maneira que Alberto não se importou com a sua fuga.

Corina vendo-se só e sem amparo, aventura-se a escrever uma carta a Alberto, pedindo-lhe perdão de sua perfidia, mas este, que está com novos conhecimentos, limita-se a responder-lhe o seguinte:

Sra. Corina.

« Em resposta ao seo arrazoado, tenho a dizer-lhe: primeiro que supponha que nunca me conheceo, e não me persiga mais; segundo, que continue a viver com quem a seduzio. »

Seo ex-amante Alberto.

Corina desesperou ao receber semelhante resposta; e offendida nos seus brios, tratou de mostrar-se, e em breve estava arrolada no negro livro das mulheres perdidas.

Tres annos passou ella essa vida de torpes emoções, na convivencia de suas companheiras de vicios e immoralidades.

Mas como tudo neste mundo tem suas epochas, e tem irremissivelmente de descer um por um, os degraos que subio, até cahir, forçoso foi a Corina, bem a seo pesar, deixar de ser adorada, e desmerecer do que valia. A razão é obvia, a syphilis, e os espiritos depressa corrompêrão seo corpo e alma, e eil-a: feia macillenta, e lazara, na encherga de um hospital!

X

Estamos no hospital dos lazarus; são cinco horas da tarde, o dia já se vai escondendo por

de traz das montanhas que circunão a bahia do Rio de Janeiro, o mar vagarosamente se ondula, e o silencio occupa o recinto do hospital.

Em um quarto do mesmo, deitada sobre uma cama, jaz uma mulher, com as feições decompostas, e banhada em pranto.

Essa mulher é Corina, que julgando se aproximar a sua hora extrema, soltava os prantos tardios do arrependimento.

Ha um anno que ellaahi está, e com quanto julgue-se abandonada de todos, ha sempre uma pessoa que cura de mitigar seus males, fazendo com que se empreguem todos os esforços, afim de conseguir sua cura, e para que nada lhe falte. E se bem que essa pessoa se informe de sua saude, contudo isso ainda não ousou entrar no seo quarto. Mas neste dia, á hora do costume, essa pessoa vai ao hospital, e pergunta ao medico assistente:

— Doutor, como vai a nossa *Magdalen*?

— Muito mal, julgo que não chegará as 10 horas da noite.

— O que me diz?!

— A verdade; o mal tem feito progressos incriveis.

— Neste caso quero vel-a.

— Vamos, Paulo.

Com effeito era Paulo, o antigo apaixonado de Corina, que acompanhou todos os seus passos, e em seo nome acbava de receber a herança que seus pais lhe tinham deixado.

Era Paulo, sim, que desejava a todo o transe que Corina se restabelecesse, a ver se conseguia pô-la no caminho da virtude, se bem que tarde!

Paulo, entrou pois no quarto da doente, que não o reconheço. Depois de alguns minutos de silencio, elle se dirigio a ella.

— Corina, não me conheces?

— Quem me chama assim?... não me posso recordar.... Quem sois senhor?

— Estarei assim tão mudado, para que não me reconheças?

Ao acabar de ouvir as ultimas palavras, Corina deo um grito, e prorompeo em prantos e soluços.

— Oh! perdão, Paulo, sou uma mulher indigna. Sou uma mulher infame, e por todos desprezada; despreza-me tambem, que é o castigo que te mereço.

— Nunca, Corina; todo o meo empenho, é que tu te restabeleças; e ter o prazer de te encher as lagrimas que vertes por esses olhos outr'ora tão bellos e fulgentes.

E acabando de dizer essas palavras, Paulo tirou de dentro de um embrulho que trazia, um rico lenço de cambraia, e chegando-o aos olhos de Corina enxugou-lhe as lagrimas.

— Não sujes o teu lenço, Paulo. Não vês que estou toda chagada?

Estas palavras forão ditas com um accento tão

sentimental que, Paulo e o Dr. não puderão suster as lagrimas.

— Este lenço é teu, Corina; não te lembras d'aquella tarde em Friburgo, quando perdeste um lenço?

— Ah! sim, bem me lembro, é elle mesmo. Então foste tu quem o achou?

— Fui, sim, e queria que elle te servisse no dia do nosso....

— Pelo amor de Deos, Paulo, cala-te!

Mal acabara Corina de pronunciar estas palavras, começou a sentir-se muito incommodada, e pelas onze horas da noite do mesmo dia, rendeo a alma ao Creator.

Nos ultimos momentos de vida ella pediu perdão a Paulo do mal que lhe fizera, e a graça de ser enterrada junto ás carneiras de seus pais.

Pedio tambem para que lhe mandassem dizer algumas missas, e disse a Paulo, que deixava tudo o que possuia para o hospital dos Lazaros, visto Paulo não precisar, por ser rico.

No dia seguinte via-se n'um dos cemiterios desta corte, um joven, junto de uma carneira, mandando sepultar um cadaver. Esse joven quando a vio prompta para receber seo triste deposito, abriu o caixão, contemplou ainda uma vez o cadaver que dentro estava, lançou-lhe um rico lenço de cambraia por cima, fechou-o e entregou-o aos empregados do cemiterio que fizeram o prompto enterramento.

Esse joven era Paulo.

« — Descança! dizia elle ao cadaver, descança! que pesada te foi a existencia!

Oxalá que sirvas de exemplo ás mulheres versateis e levianas! Descança! Adeos! »

Não poudé dizer mais porque os soluços embargarão-lhe a voz.

CONCLUSÃO

Poucos mezas depois d'esta scena, corria o boato de que Alberto tinha morrido na Europa, em um duelo que tivera com um brasileiro.

Esse brasileiro era Paulo, que fóra á Europa de proposito para se vingar de Alberto.

Essa noticia foi confirmada, e não causou pezar a nenhuma das pessoas que conhecião Alberto, porque conhecião-no de sobra para se penalizarem com a sua morte.

Paulo soubéra, depois do duelo, subtrahir-se aos olhos da policia estrangeira, e um anno depois, morava só, n'um dos arrabaldes do Rio de Janeiro, sem que soubessem ser elle o autor da morte de Alberto.

SILVIO RANGEL.

Rio 4 de Dezembro de 1864.

RIO DE JANEIRO.

Typ. de Pinheiro C.ª, rua do Cano n. 163.